

## sérgio camargo

*Ele já foi corretor de imóveis, mas hoje é um dos mais discutidos artistas plásticos. Seu nome é Sérgio Camargo que a Petite Galerie exporá a partir da segunda-feira.*



Se existisse a palavra perplexante, este seria talvez o adjetivo mais justo para descrever a arte de Sérgio Camargo. Ele pede aos críticos que, diante dos seus trabalhos, utilizem com frequência o "vácuo das palavras". Sua intensão é, abstraíndo-as, permitir uma completa apreensão sensorial ao observador. Mas é excusado pedir. Não há outra solução. O vácuo é real, impossível fugir, exceto naturalmente, se forem usadas teorias tão puras quanto a matemática.

Simplesmente, suas peças são formadas de tocos de madeira pintados de branco, presas de infinitas maneiras num quadro de madeira pintado de branco. Sombra e luz brincam entre as saliências e reentrâncias das superfícies das formas, mudando continuamente como o dia e a noite mudam e deixando que o colorido prisma de uma vidraça desavisada possa mudar subitamente a sua cor de nada.

E nem se pode dizer que isso é o principal. Há ainda o dinamismo algido, diluviano, emanando do absoluto estático, da esmagadora morte branca e ainda não morte porque ela é, e ali está suspenso o indefinido, a carta branca dos sentidos oferecida sem mais nada. — Independo do material para criar — diz ele. Serve qualquer madeira boa ou má. Crio.

Depois de conhecer Sérgio Camargo, a lembrança que fica

é a de um gentil gigante dos contos infantis. Sem dúvida, objetivamente, ele não é tão alto nem tão grande, mas sua presença é assim compacta e maciça; seus gestos não são lentos, mas contidos. Todo ele parece que se determinou a (viver), sabendo o que (fazer), não importa como (chegar). Ele não é um braço, um pouco de cabelo, nem mesmo um tronco, mas é um todo para (ir para) continuamente. Mulher e filhos, o apartamento (de passagem) na Vieira Scuto, a praia em seu devido lugar. Sem permissão ela jamais entraria pelas janelas.

Para o observador, seu trabalho é o nada o tudo / o assustador o plácido / o agressivo o acolhedor / o branco a cor / a morte a vida / o estímulo a inércia / o objetivo o subjetivo / o finito o infinito / encontro o desencanto / o formal o informal / mas a disciplinada decisão que segundo Jean Clay, foi imposta por Sérgio Camargo em poucos anos, tornando-o um dos mestres da nova escultura:

— Entre a ordem e a desordem, a construção e a germinação, o organismo e o sistemático, a obra de Camargo — nascida destas tensões e negando-se a escolher entre elas — traça dia a dia o seu caminho, há dez anos. (...) Desligado de toda figuração, de todo simbolismo e do problema espacial, reduz voluntariamente seu campo de ação para consagrar-se a uma investigação essencial, obtendo

neste campo deliberadamente limitado, resultados surpreendentes. Apresentou-o Jean Clay durante sua exposição no Studio Actual, em Caracas, Venezuela, ao lado de 50 outros artistas, como Le Corbusier, Mondrian, Picasso, Marcel Duchamp, Chacon.

Pela primeira vez, em 1948, Sérgio Camargo viaja para Paris onde mora até hoje. Nesta época frequenta os cursos de Filosofia da Sorbonne, conhece Brancusi Arp e Vantongerloo. Em 53, volta ao Brasil para em seguida seguir para a China. Seu primeiro prêmio foi Isenção do Júri no Salão Nacional de Belas-Artes em 54. Quase todo ano expõe em Paris, em Londres, Veneza, Milão, Roma, Gênova, Firenze, Bolonha, Lecce, Livorno, Nápoles, Sansepolcro, Torino, Genebra, Zurich, Munchen, Wilmington, Oslo, Nottingham, Köln, Nova York, Avignon, Caracas, Escandinávia e até de lugares de que ma ifalam os jornais.

Na segunda-feira a Petit Galerie apresentará Sérgio Camargo, que já fez com que o riquíssimo David Rockefeller desejasse comprar um trabalho pertencente à coleção de Marcello Leite Barbosa, que pediu por ele quatro mil dólares. David Rockefeller como bom negociante, regateou para três, sabendo que mais mil dólares dados, não seria prejuízo.